

A DIFUSÃO DA LITERATURA PERIFÉRICA: O LEGADO DA CULTURA *HIP HOP* NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

SUBURBAN LITERATURE DIFFUSION: HIP HOP CULTURE LEGACY IN COMICS

LA DIFUSIÓN DE LA LITERATURA DE LA PERIFERÍA: EL LEGADO DE LA CULTURA HIP HOP EN LOS CÓMICS

Allana Suellen Sant'Anna¹

Resumo

Este artigo aborda uma realidade chocante em nosso país: a violência e o descaso do governo em relação aos moradores da periferia. Autores como Ferréz, Sergio Vaz, Sacolinha, Alessandro Buzo, Elizandra Souza e outros, denunciam, por meio de suas letras de *rap*, suas vivências e a indiferença das autoridades a respeito da população das periferias. O objetivo deste trabalho é analisar as características da chamada literatura periférica, que cresceu exponencialmente a partir da década de 1990, bebendo da fonte da cultura *hip hop* e seus vários elementos. Entenderemos a inserção das histórias em quadrinhos neste espaço como forte instrumento de protesto, disseminando a arte da periferia e a cultura *hip hop*. Para compreendermos melhor a ligação entre quadrinhos e *hip hop*, recorreremos a sites especializados no tema. Esta pesquisa comprova que a periferia há muito resiste à marginalização e tenta conquistar seu lugar na sociedade, mostrar a vida digna na comunidade, bem como que todos merecem espaço para ter sua voz ouvida.

Palavras-chave: literatura; histórias em quadrinhos; periferia; *hip hop*; cultura.

Abstract

This article addresses a shocking reality in our country: the violence and neglect of the government in relation to the residents of the periphery. Authors like Ferréz, Sergio Vaz, Sacolinha, Alessandro Buzo, Elizandra Souza and others denounce, through their rap lyrics, their experiences and the indifference of the authorities towards the population of the peripheries. The objective of this work is to analyze the characteristics of the so-called peripheral literature, which has grown exponentially since the 1990s, drinking from the fountain of hip hop culture and its various elements. We will understand the insertion of comics in this space as a strong instrument of protest, disseminating the art of the periphery and hip-hop culture. To better understand the connection between comics and hip hop, we resorted to websites specialized on the theme. This research proves that the periphery has long resisted marginalization and is trying to conquer its place in society, to show dignified life in the community, and that everyone deserves space to have their voices heard.

Keywords: literature; comics; suburb; hip hop; culture.

Resumen

Este artículo aborda una realidad impactante en nuestro país: la violencia y el desprecio del gobierno hacia los habitantes de la periferia. Autores como Ferréz, Sergio Vaz, Sacolinha, Alessandro Buzo, Elizandra Souza y otros, denuncian, a través de sus letras de *rap*, sus vivencias y la indiferencia de las autoridades frente a la población de las periferias. El propósito de este trabajo consiste en analizar las características de la llamada literatura periférica, que creció exponencialmente a partir de la década de 1990, nutriéndose de la cultura *hip hop* y sus diversos elementos. Entenderemos la inserción de la historieta en este espacio como un fuerte instrumento de protesta, de difusión del arte periférico y de la cultura *hip hop*. Para comprender mejor la conexión entre los cómics y el *hip hop*, recurrimos a sitios web especializados en el tema. Esta investigación demuestra que la periferia ha resistido a la marginación durante mucho tiempo y trata de conquistar su lugar en la sociedad, para mostrar una vida digna en la comunidad, así como que todos merecen un espacio para hacer oír su voz.

¹ Bacharelado em História no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: allana.lavis@hotmail.com

Palabras-clave: literatura; cómics; periferia; *hip hop*; cultura.

1 Introdução

No presente artigo, conheceremos aspectos da cultura *hip hop* e de como se difundiu pela comunidade negra, transformada em grito de resistência, espaço de voz, forma de música ou de literatura sobre os descasos da sociedade em relação às periferias. Nossa abordagem será um pequeno recorte de um crescente gueto² periférico, não apenas geográfico, mas também literário, que relata seu cotidiano em escritas, inserindo-se cultural e historicamente em nosso dia a dia através de representações artísticas e culturais. Nosso recorte do gueto materializa-se em uma análise da ligação entre *hip hop* e literatura: desde o início da escrita até a vivência dos autores. É importante perceber que a cultura *hip hop* ganha cada vez mais visibilidade não só nas periferias, mas também nos grandes espaços fora dela, por meio de eventos e mostras culturais que permitem aos artistas terem mais destaque e voz para sua arte. Todavia, de acordo com Vieira (2015) e Tenninna (2017), isso não significa haver concordância entre os autores sobre a nomenclatura do tipo de literatura que produzem.

O enfoque deste trabalho será um recorte histórico sobre a ligação entre a cultura *hip hop* e a literatura periférica, além de abordar como as histórias em quadrinhos são um instrumento importante para o movimento de artistas periféricos. É significativo perceber os aspectos que retratam essa artisticidade e seus impactos em nossa literatura e em nossa história, sobretudo em nossa sociedade, no dia a dia.

Aqui também demonstramos que a literatura periférica tem ligação direta com as histórias em quadrinhos, como gêneros mutuamente complementares; entendemos que os quadrinhos podem dar suporte à literatura periférica, como espaço para entretenimento, mas também para crítica, denúncia. Por vezes, torna-se ferramenta de reforço aos aspectos de linguagem e harmonia que o *rap* necessita, associando-se à comunicação entre autor e leitor, criando uma conexão entre eles.

Portanto, veremos que, em muitas situações, o *hip hop* e as histórias em quadrinhos não apenas andaram, mas cresceram juntos, fato que influenciou a literatura periférica, por fornecer aos escritores suporte e espaço para abrirem suas ideias e dialogarem com suas comunidades. Compreender a literatura periférica, suas linguagens, seus impactos, dentro e fora de sua

² Wacquant (2004) entende a palavra “gueto” sociologicamente como um “instrumento de cercamento e controle, o que esclarece grande parte da confusão que o circunda e faz dele um instrumento poderoso de análise social da dominação étnico-racial e da desigualdade urbana”.

comunidade, ajuda-nos a enxergar uma população que quer ser notada, luta por seus direitos, seu espaço, e quer fazer de sua moradia um lugar melhor.

Metodologicamente, revisamos teses sobre literatura periférica, cultura *hip hop*, bem como a respeito de histórias em quadrinho em sala de aula. Além disto, traduzimos para o português o conteúdo de sites especializados em *hip hop* e histórias em quadrinhos, a fim de exemplificar o crescimento da abordagem por quadrinhos (as HQs) como expressão cultural para os jovens da periferia, até o ponto de ser considerada o sexto pilar do *hip hop*.

Pretendemos mostrar que a vida na periferia não é fácil, porquanto seus moradores habitam a base de um sistema que os considera clandestinos em seu próprio país. Veremos como a literatura ajuda a essa população considerada marginal a denunciar, através da *cultura hip hop*, o descaso da sociedade relativamente à periferia, através da *cultura hip hop*. Temos como objetivos analisar as especificidades da literatura periférica e identificar os impactos da relação entre a cultura *hip hop* e as histórias em quadrinhos e como isso repercute na comunidade.

2 Metodologia

O tema desta pesquisa é a correlação entre *cultura hip hop* e histórias em quadrinhos, e como se estabeleceu em uma comunidade marginalizada pela sociedade. Veremos que as histórias em quadrinhos são atualmente enquadradas como um novo conceito entre as várias facetas da *cultura hip hop*. Além disso, abordaremos como tal cultura, que não se baseia apenas no *rap*, cresceu com a das histórias em quadrinhos, cujo intuito vai além da divertir, mas também denunciar e criticar por meio de metáforas.

Através de pesquisa bibliográfica, recorreremos a autores que estudam e analisam a realidade periférica, como Laetícia Jensen Eble, Taís Eble e Adolfo Lamar. Além desses, selecionamos textos da literatura periférica de Ferréz, Sergio Vaz e Sacolinha, que abrangem pontos de vista sobre a vida no subúrbio, bem como sobre como a educação verdadeiramente lhes mudou a forma de ver o mundo. Analisa-se o quadrinho *Farol da Quebrada*, de João Pinheiro, em excerto no qual quadrinhos e periferia se unem em uma forma de compreensão.

Entenderemos também o crescimento da literatura periférica a partir de eventos como a *PerifaCon*, através de seus organizadores. Tratamos do documentário *Sabotage: Maestro do Canção* (2015), para o enquadramento da história do *rap* e sua trajetória com uma breve referência sobre como os quadrinhos são marcantes no *rap*. Por fim, usamos fontes jornalísticas, assim como reportagens sobre quadrinhos na mídia e a *cultura hip hop* em sites especializados,

como o norte-americano DJ *Booth*, que permitirá uma visão mais delimitada sobre as situações que serão estudadas qualitativamente, já que o entendimento será dado através de análises das vivências das pessoas do próprio movimento *hip hop*, literário e periférico.

Todas essas análises servirão para o mesmo fim: correlacionar a literatura periférica a uma crescente autoria que cerca o país nos últimos anos, circunda um novo cânone e abre portas para novas falas e experiências para vermos um Brasil multifacetado.

3 Um ato de resistência

O pontapé inicial para conhecer melhor a cultura *hip hop* é mergulhar em sua fundação no fim dos anos 1960, nos Estados Unidos, por Kool-Herc, jamaicano que começou a fazer festas nas praças do Bronx com seus discos e aparelhos de mixagem.

Kool-Herc inspirou outros jovens a fazerem algo semelhante, entre eles, *Grandmaster Flash*, que adicionou um toque pessoal: o *raffiti*, que consistia em deixar a agulha arranhar a superfície do vinil.

Tanto Herc quanto *Flash* entregavam microfones para os participantes das festas improvisarem rimas enquanto o ritmo tocava, o que mais tarde veio a ser conhecido como *rap*.

O terceiro grande nome, considerado parte da “trindade” do *hip hop*, é o DJ *Afrika Bambaataa*, que, em 1978, usou o famoso termo, pois:

[...] fazia referência a uma forma de dançar, popular à época, que consistia em saltar (hop) e movimentar os quadris (hip). Contudo, o movimento hip-hop não se resumia à dança, tornando-se, então, uma forma de organização sociocultural que envolve música – o rap com seus MCs e DJs –, dança (break) e artes plásticas (graffiti) (SALLES, 2007, p. 29)

Chegando ao Brasil na década de 1980, o *hip hop* cultural se espalhou rapidamente pelo país, principalmente por São Paulo, mesmo com a herança norte-americana. Não foi um grande desafio para os jovens reinventarem um dos pilares da cultura *hip hop* – o *rap*, que rapidamente se espalhou pelas periferias brasileiras, onde a garotada aproveitava para transformá-la em algo mais parecido com o que eles conviviam cotidianamente, algo mais, ressignificado,

de fato, se por aqui o rap sofreu influência do rap estadunidense, este não deixou de ser experimentado em conexão com a particularidade do contexto social, cultural e artístico em que respiravam os jovens das periferias brasileiras. É importante notar que a difusão do rap para além das fronteiras dos Estados Unidos também se refere à propagação entre subalternos de algo que cativa, diz respeito e faz sentido. Uma rede comunicacional de periferia para periferia forjada sobre a experiência comum que normalmente conjuga exploração de classe e opressão étnico-racial (LOUREIRO, 2016, p. 3).

Mesmo com a repressão policial e cultural, no Brasil, a cultura *hip hop*, principalmente o *rap*, propagaram-se na periferia como forma de reivindicação e cultura periférica (EBLE; LAMAR, 2015), como ato de resistência e sobrevivência das violências e dos silenciamentos que os jovens das comunidades viviam constantemente.

Muito disso arrematava em literatura, que acrescentou fortes raízes das rimas do *rap* em sua proporção, com intensos componentes do *hip hop*. Talvez o melhor jeito de se contar uma história seja do ponto de vista de quem a vive e ninguém melhor do que os escritores periféricos para produzirem-no.

Os autores relatam as experiências na comunidade, não apenas denunciando abusos e descasos, como também apresentando aprendizados, assim como à educação e à literatura como salvadoras de vidas. Ao falar da nova literatura periférica, a menção do nome Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, é imprescindível. No fim dos anos 1990, Ferréz trouxe à tona a discussão desse ato literário ao lançar *Capão Pecado*, baseado em suas vivências no Capão Redondo, bairro do subúrbio de São Paulo. A obra lançou o escritor ao país inteiro e colocou a literatura periférica em pauta, abrindo caminho para as demais obras e influências para que outros jovens autores também pudessem relatar suas experiências e saberes na periferia.

Autores como Alessandro Buzo, Sacolinha, Santiago Dias, Sérgio Vaz, Jonilson Montalvão, Elizandra Souza, Lutigarde Oliveira, Allan Santos da Rosa, Dinha e Dugueto Shabazz se assumem como escritores marginais e compartilham, com Ferréz, essa nomenclatura. Utilizam a terminologia marginal vinculada a sua produção literária, pois a expressão caracteriza o contexto de marginalidade social e cultural ao qual os escritores estariam submetidos. Esses escritores consideram a sua produção literária à margem da sociedade e da literatura padrão, das características literárias, como a linguagem, entre outros aspectos, da ordem textual e também da sua origem socioeconômica (EBLE; LAMAR, 2015, p. 4).

Logo, percebemos que essa literatura está em crescimento e encontra espaços em ONGs, *slams*³ e, principalmente, em saraus, pequenos encontros onde jovens autores podem compartilhar seu gosto pela literatura e declamar seus poemas e textos.

O interesse pela leitura é um dos grandes pontos que os autores ressaltam que salvaram suas vidas de destinos piores aos quais a sociedade os condena, portanto, eles sentem que a literatura os liberta, e que isto pode se repetir para outras pessoas da comunidade.

³ Evento que normalmente acontece em praça pública e sem microfone, de maneira que se aproxima ainda mais da estética do *Rap*. Mistura de sarau e batalhas de rima, trata-se de uma competição poética em que a letra, a atitude, a performance e a interpretação do(a) poeta (não há recitação de poemas de terceiros) são avaliados pelo público, tem elevado prestígio. O próprio nome (bater, em inglês) nos indica a importância da intensidade e do entusiasmo na hora de manifestar seu texto (MENDES, 2020).

Acredito no livro como agente transformador do ser humano. Hoje procuro mostrar a muitas pessoas o que um livro pode fazer pela vida de alguém. Eles salvaram a minha e continuam salvando. A literatura também salva. Este é o meu testemunho (SACOLINHA, 2012, p. 196 apud LEHNEN, 2016, p. 20-21).

Muitos autores também creem num rompimento do cânone literário hierárquico, ou seja, o cânone literário vigente, o atual e dominante, da elite branca, dito clássico, que não dá espaço para outros gêneros da literatura e vê com preconceito os textos da literatura marginal.

ainda que eu escreva prioritariamente para minha comunidade, não quero minha literatura no gheto. Quero entrar para o cânone, para a história da literatura como qualquer um dos escritores novos contemporâneos. E não acho também que minha comunidade deve se limitar à minha literatura, ela tem o direito de ter acesso ao Flaubert (FERRÉZ, 2013, p. 5).

Nessa fala de Ferréz, percebermos que sua intenção não é apenas mudar o cânone e pertencer ele, mas permitir que sua comunidade também tenha acesso a esses ditos “clássicos”, assim como as pessoas de fora tenham acesso e vontade de conhecer a literatura marginal.

3.1 Os quadrinhos

O gênero história em quadrinhos (HQs) conta histórias pela junção das linguagens verbal e não verbal. Apesar das críticas ou opiniões do senso comum, as HQs são grandes instrumentos de comunicação em massa, através do qual se transmite ideologias, marcas e estilos de vida.

Desenvolvido nos Estados Unidos no fim do século XIX, o gênero foi alvo de grandes polêmicas envolvendo psiquiatras e questões moralistas. Entretanto, em pouco tempo, as histórias em quadrinhos cativaram leitores fiéis em várias circunstâncias, em variados subgêneros, até um alto nível de comercialização de produtos derivados: bonecos, filmes, seriados de televisão, músicas, referências em livros, revistas para colorir, camisetas e todo tipo de capitalização (e polêmica) possível em torno dos gibis em todo mundo.

A polêmica mais recente foi a proibição da utilização da premiada HQ *Maus*, de Art Spiegelman, em uma escola nos Estados Unidos.

Nesta quinta-feira (27), dia em que o Holocausto completou 77 anos, a história em quadrinhos *Maus*, de Art Spiegelman, foi proibida pelo conselho escolar no Tennessee, nos Estados Unidos. A ironia é que o livro denuncia justamente os horrores cometidos pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial contra os judeus — seis milhões de pessoas foram mortas. O livro ganhou em 1992 o prêmio Pulitzer, o mais importante dos EUA, a única HQ até hoje a conseguir o feito. A obra também venceu o Eisner, a principal premiação dos quadrinhos. [...] Na obra, Spiegelman entrevista seus pais, judeus poloneses sobreviventes do Holocausto, para retratar o tempo deles

como prisioneiros do campo de concentração de Auschwitz. Em *Maus*, judeus são representados como ratos, e nazistas, como gatos. (“MAUS”..., 2022).

Nesse trecho de reportagem, percebemos que os quadrinhos têm sido usados em salas de aula para impulsionar o aprendizado dos alunos de forma mais lúdica e crítica. Portanto, o gênero pode ser uma ferramenta de ensino no dia a dia.

A narrativa nos quadrinhos oferece uma pista importante para se entender os efeitos diversos que o autor objetiva em sua história. Através da escolha de um certo tipo de narrativa o autor pode vincular seu produto a várias possibilidades de convenções de leituras e experiências cotidianas dos leitores. Quando produz uma história em quadrinhos o autor tem muitas possibilidades relacionada ao uso de cores, tipos de letras, convenções tais como balões, tamanho dos painéis e posição dos eventos dentro deles. A adoção de qualquer desses elementos tem repercussão em como a narrativa se desenvolve e em como se espera que o leitor interprete a história (SILVA, 2001, p. 6).

Em variados gêneros, as HQs podem ser espaço de refúgio, de arte, de entretenimento e de denúncia, algo que veremos no próximo item.

3.2 Uma influência de duas vias

Em 2018, o rapper Emicida fez uma música chamada *Pantera Negra*⁴, em comemoração ao longa-metragem do herói de mesmo nome da Marvel, que estreou nos cinemas no mesmo ano. Na letra, o autor faz várias referências a sua ancestralidade, mas também à cultura pop, evidenciando sua forte ligação com os quadrinhos e o personagem da Marvel, atrelado a uma forte questão cultural.

A ligação entre cultura *hip hop* e quadrinhos não vem de hoje. No cenário estadunidense, é muito comum que os rappers não só estejam em *comics*, como também baseiem suas carreiras em personagens, como é o caso do rapper *MF DOOM*, que se baseia no vilão Doutor Destino, da Marvel Comics, e nunca é visto sem sua máscara. A ligação entre o *hip hop* e as HQs é tão grande que o quadrinista norte-americano Ed Piskor “documentou” o nascimento dessa cultura através desse gênero.

Em *Hip Hop Genealogia*, Piskor parte de uma modesta, porém bem fundamentada, bibliografia de seis livros sobre o tema, para montar um grande e detalhado painel, no qual segue as trajetórias paralelas (às vezes entrecruzadas) dos principais personagens dos primórdios do *hip hop*.

⁴ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/emicida/pantera-negra/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

O plus é a estética com que Piskor embala sua reportagem. Sua arte é um misto de influências dos quadrinhos dos anos 1960 e 70, tanto *mainstream* (Marvel, via Jack Kirby) quanto *underground* (o onipresente Robert Crumb).

Para aproximar ainda mais sua arte de suas influências, as páginas são artificialmente amareladas e a impressão, reticulada (pontilhada). Tudo para dar a impressão de que se está folheando uma revista em quadrinhos dos anos 1970. (CASTRO JÚNIOR, 2016).

Assim como a influência das HQs aumenta gradativamente nesse cenário, não demoraria para a literatura periférica rapidamente seguir o mesmo passo, visto que os dois fazem parte de uma mesma realidade: declamar sobre a vida na periferia. As HQs deram mais uma oportunidade de as pessoas vistas como “marginalizadas” terem voz ligada à cultura hip hop, que as empoderava e lhes deu força para encontrarem mais um espaço.

O hip hop deu a opressão uma voz que iria ressonar através do mundo, que apesar dos melhores esforços, não podem ser silenciadas.

[...]

A razão pela qual o movimento Black Comicx é assim chamado é por causa do criador e não pela criação. O criador irá definir a criação, não importa quão inclusiva é o conteúdo. Só o fato de que criamos torna tudo o que fazemos político. Então, eu digo incline-se para isso não no sentido de que sua criação é a definição de "Negritude" (o que é extremamente diverso de qualquer forma), mas no senso de ser orgulhoso de que você é um criador negro, fazendo um trabalho que, esperamos, desafie e seduza qualquer público que você tente alcançar (ANDERSON, 2018, tradução minha).

Há entusiastas do movimento *hip hop* que consideram as histórias em quadrinhos o sexto pilar da cultura, ao lado do DJ e dos MCs, do *rap*, do grafitti, do *break*, da moda e do ativismo. No site especializado em *hip hop*, DJBooth argumenta:

Naturalmente, a geração fundadora pelo hip hop foi atraída pela ideia de que pessoas comuns poderiam sobreviver ao trauma e ganhar habilidades extraordinárias. Nos quadrinhos de super-heróis, todos os dias, homens e mulheres, conciliam suas verdadeiras identidades em favor de salvarem suas cidades em um alter ego usando uma fantasia colorida; uma realidade não tão diferente dos b-boys e b-girls detonando com seus agasalhos coloridos para empoderar a si mesmos no meio de uma implacável pós-guerra do Vietnam no Bronx (BYATT, 2019, tradução minha).

Portanto, as histórias em quadrinhos, como as de super-heróis, principalmente, proporcionam empoderamento aos praticantes do *hip hop*, mas também abrem espaço para denúncias e relatos. Na HQ *Farol da Quebrada*, de João Pinheiro, o autor relata a vida difícil de sua comunidade durante a pandemia do coronavírus. O estilo cru retrata o duro descaso do governo com a periferia onde mora o autor. Entre as poucas cores usadas, o laranja representa a melancolia, o fim de tarde no subúrbio e a falta de esperança para aqueles a quem a assistência não chega.

Farol da Quebrada é um instrumento de denúncia, de crítica ao governo, crítica social sobre as disparidades e a vida em quarentena (para quem de fato é a quarentena, dialogando com o conceito de segregação urbana de Wacquant). Critica-se a triste realidade das várias perdas pela doença em uma pilha de mortos.

Os quadrinhos integram a literatura periférica, assim como o *rap*, e isso é possível ver no documentário *Sabotage: Maestro do Canção*, de 2015, que resumidamente conta a vida do rapper em forma de quadrinhos, homenageando o protagonista e imortalizando-o como uma ilustração.

Ferréz também se lançou aos quadrinhos, com De Maio, para lançarem *Desterro*, que critica repressão policial, prisões e a exclusão do acesso aos bens de consumo por via legal, além de todo o sentimento de revolta que isso causa.

O gibi *Na Quebrada* contém oito histórias sobre a vida na periferia, unidas ao hip hop, com derivadas experiências e autores, cada um com seu *life style*, descrita pela própria editora como “uma realidade que na maioria das vezes é transformada pelo nosso próprio talento e nossa forma de enxergar as coisas. Esse é o nosso superpoder”.

Através desses exemplos, percebemos que a cultura *hip hop* está presente na literatura periférica como a literatura periférica está presente na cultura hip hop, tornando os dois presentes na existência um do outro, evoluindo constantemente. A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. Por uma periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor (VAZ, 2008, p. 247 apud EBLE; LAMAR, 2015, p. 7-8.)

3.3 Construindo pontes, derrubando muros

O aumento do espaço da literatura periférica produz novos eventos, oportunidades surgiram para a divulgação de novos trabalhos da área, mas também lugares onde as pessoas pudessem trocar suas vivências e aproveitar seus gostos unidos através da literatura e das histórias em quadrinhos. Um desses eventos foi a *PerifaCon*, criado em 2019 para possibilitar o contato entre as pessoas da comunidade a acontecimentos culturais que não têm condição financeira e nem de mobilidade para comparecer. Em sua primeira edição, foi feita uma meta com doações e assim que foi atingida o evento aconteceu.

A chamada *Convenção nerd das favelas* teve sua segunda edição neste ano na Fábrica de Cultura da Brasilândia, Zona Norte de São Paulo. De acordo com Marcos Marques, editor-chefe do portal *PerifaCon*, atraiu mais de 10 mil pessoas ao local, onde tiveram contato direto com cultura nerd, literatura, jogos, histórias em quadrinhos, painéis exclusivos, concursos de

*cosplay*⁵ e shows de artistas do cenário do *rap*, como Febem e Bivolt, com todas as entradas gratuitas. A partir do mote “construindo pontes, derrubando muros”, a *PerifaCon* teve como destaque o lançamento da história *Rap em Quadrinhos*, pelo ilustrador Wagner Loud e o *youtuber Load Comics*, que contam e homenageiam o *hip hop* nacional, transformando-o em literatura e caminhando com todo o legado conhecido do *hip hop*. O evento, que se coloca como uma via à *Comic Con*⁶, dá grande ênfase a pertencer à favela, como a matéria do site da *Revista Trip*, da Uol, sobre a primeira edição do evento, que ocorreu no Capão Redondo, destaca: “PerifaCon celebra a cena periférica de quadrinhos, games, cosplay e audiovisual, no Capão Redondo, extremo sul paulistano” (REVISTA TRIP, 2019).

A insistência na associação do substantivo “favela” ao evento realça sub-repticiamente o recorte de classe e o espanto diante de uma demanda do gênero por parte da população pobre (não se sabe se dos autores da matéria ou por eles esperado por parte de seu público leitor).
[...] Permite-nos supor que o referencial da cultura geek pode ser transversal às classes (particularmente entre os jovens), só que desigualmente acessível, o que leva os sujeitos a construir trajetórias e estratégias para seu consumo e desfrute. (ALMEIDA, 2022).

De acordo com Marques, a importância de o evento ter um beco dos artistas, abre um novo leque de oportunidades, variedades e visibilidade para novos artistas no país, trazendo uma aproximação do público com essa literatura que não seja necessariamente de grandes editoras, pois,

é uma área que as pessoas gostam muito de quadrinhos e de livros, a gente recebeu, por exemplo, nessa primeira edição muita gente que tava lançando livros; inclusive esses artistas também estão presentes no beco dos artistas né? E mostra a potência que tem na periferia, na favela dessas pessoas negras, periféricas de produzirem, sabe? De terem um quadrinho lançado. [...] E a ideia da PerifaCon é mostrar que existem esses artistas e que a favela consome muito, tanto que vários artistas que foram nessa edição da PerifaCon também que venderam tudo antes do evento acabar, faltando horas pro evento acabar.

Além de ser um evento que ajuda a democratizar o acesso à cultura pop na sociedade — principalmente por ser gratuito, logo, acessível — as pessoas da periferia terem a experiência de um evento nerd de verdade, com painéis, a presença de artistas periféricos e não periféricos, coisa que, em grandes eventos, como a citada CCXP, é algo muito caro e de difícil acesso para pessoas de baixa renda. Além disso, aproxima-se o público dos livros, dos quadrinhos. Estes

⁵ Cosplay é uma atividade que consiste em fantasiar de forma correta, com acessórios e outros artigos, representando um determinado personagem. Esta atividade se originou nos Estados Unidos, em 1970, quando uma determinada convenção promoveu a entrada gratuita de pessoas fantasiadas de super-heróis (BRASIL ESCOLA).

⁶ Evento internacional de cultura geek, com uma versão nacional amplamente conhecida, possuindo altos preços, grandes atrações e produtos.

últimos não necessariamente de grandes editoras e de super-heróis, mas, por vezes, da cultura brasileira, do cotidiano, etc., o evento existe para mostrar que esses quadrinistas existem e também tem seu espaço, pois a comunidade os consome muito.

Outro fato muito interessante sobre o evento é a empregabilidade. De acordo com Marques, novos empregos foram gerados no evento, também para as pessoas trabalhando na praça de alimentação, tudo isso com moradores da própria Brasilândia, vendendo seus produtos no evento. Sendo assim, o foco do evento, trazer acessibilidade, facilitar a vida dos moradores e oferecer-lhes um pouco de lazer e cultura, além de mostrar que a comunidade consome cultura *geek* e necessita de mais eventos voltados para eles com qualidade de ponta.

4 Considerações finais

Provando que é um ato de várias camadas, que vão do ativismo ao entretenimento, sendo praticada por diversas pessoas de várias idades, a literatura periférica vem ganhando espaço não apenas como grito de socorro, mas também como forma de refúgio e diversão, atingindo pessoas de toda periferia e crescendo exponencialmente, chegando recentemente, reunindo público em saraus e colocando a comunidade em pauta, abrindo debates sobre seu futuro e suas vivências.

É importante entender a história, o contexto e todo o caminho trilhado até aqui para ser visto com respeito e sem preconceitos. Os estudos sobre a literatura marginal/periférica estão no começo, mas são excelentes e servem para conscientização e propagação de informações sobre uma execução que ainda crescerá muito, como motivo de alegria a muitas pessoas e como ação social nas comunidades.

O *hip hop* é visto como ato político, de resistência, como dizia o *rapper* Sabotage: “rap é compromisso”, e os *rappers* da atual cena, levam essa frase a sério. Desde que foi criado, seu foco principal sempre foi legitimação de uma parcela segregada da sociedade.

Também dissertamos sobre as histórias em quadrinhos, um pouco sobre seu surgimento e como sua ligação com o *hip hop* foi mais forte do que se pode imaginar, sua linguagem e suas raízes são as mesmas, dando aos seus criadores a oportunidade de identificação e transformação através de suas histórias, levando asas à imaginação e atingindo vários públicos.

A partir disso, cabe aos historiadores perceber e focar nas transformações que a prática da literatura periférica, suas linguagens e as suas relações com as histórias em quadrinhos, sociedade, o governo e a cidade contribuem para a nossa profissão, atingindo assim uma visão interpretativa sobre essa parcela de nossa população, que sempre foi marginalizada e apenas

busca seu espaço com dignidade assim como todos nós no dia a dia.

Referências

ALMEIDA, Marco Antônio de. *Booktubers*, literatura e cibercultura: mediação e circulação da informação. **Configurações**, Braga, v. 29, p. 65-86, 2022.

EBLE, Laetia Jansen. (Auto)biografias urbanas: percursos possíveis pela literatura marginal. **Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, Paris, n. 2, p. 27-36, Automne 2012. (Dossier monographique. Margens e Marginalidades).

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, Ilhéus, v. 27, n. 16, p. 193-212, dez. 2015.

FERRÉZ (org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005a.

LEHNEN, Leila. Literatura e direitos humanos na obra de Sacolinha. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 1, n. 49, p. 79-104, set. 2016.

LOUREIRO, Bráulio Roberto de Castro. Arte, cultura e política na história do rap nacional. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 1, n. 63, p. 235-241, abr. 2016.

MENDES, Cristiano Aparecido. **A escola pública como palco de uma guerra não declarada**: o discurso anticordial do rap e da literatura periférica no ensino de história. 2020. 200 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020.

PINHEIRO, João. Farol da Quebrada. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 353-361, jan. 2021.

SALLES, Écio. **Poesia revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. (Tramas Urbanas).

SILVA, Nadilson M. da. Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais [...]**. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-15.

TENNINA, L. **Cuidado com os poetas!** Literatura e periferia na cidade de São Paulo. Porto Alegre: Zouk, 2017.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: antropofagia periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. (Tramas Urbanas; 8).

VIEIRA, Aline Deyques. **O clarim dos marginalizados**: temas sobre a literatura marginal/periférica. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

WACQUANT, Loïc. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 1, n. 23, p. 155-164, nov. 2004.

Documentários

SABOTAGE: Maestro do Canção. Direção de Ivan 13P. Produção de Denis Feijão & Ivan 13P. S.I.: 13 Produções e Elixir Entretenimento, 2015. (110 min.), Color.

Jornais e sites

ANDERSON, Jiba Molei. Comic culture and hip-hop Have the same roots. **Afropunk**, [s. l.], 31 jan. 2018. Disponível em: <https://afropunk.com/2018/01/comic-culture-hip-hop-roots/>. Acesso em: 28 ago. 2021.

BYATT, Kieron. How Comic Books Became the 6th Element of Hip-Hop. **Djbooth**, 23 abr. 2019. Features. Opinion. Disponível em: <https://djbooth.net/features/2019-04-23-comic-books-sixth-element-of-hip-hop>. Acesso em: 17 fev. 2022.

CASTRO JUNIOR, Chico. HQ documenta aparecimento do Hip Hop. **Portal Geledés**, [s. l.], 27 dez. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hq-documenta-aparecimento-do-hip-hop/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

“MAUS”, HQ DE ART SPIEGELMAN, é proibida em escolas dos EUA. **Rascunho**, Curitiba, 28 jan. 2022. Notícia. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/maus-hq-de-art-spiegelman-e-proibida-em-escolas-dos-eua/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

NA QUEBRADA: quadrinhos de hip hop. São Paulo: Draco, 2019. Disponível em: <https://editoradraco.com/produto/na-quebrada-quadrinhos-de-hip-hop/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

QUADRINHEIRO, Velho. A periferia de SP em quadrinhos: o desterro de Ferréz e De Maio. 17 dez. 2012. **Quadrinheiros**: diversão e rigor. Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2012/12/17/a-periferia-de-sp-em-quadrinhos-o-desterro-de-ferrez-e-de-maio/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

Revista Trip, seção **quadrinhos e rap**: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/quadrinhos-e-rap>. Acesso em: 14 fev. 2022.